

## UMA SAÍDA PARA DENTRO

HERIBERTO

José ~~Heriberto~~ de Souza e  
Francisco J. Alves dos Santos.

Como fundamentar uma opção ética no momento em que todos os referenciais se desmoronam? A revolução não virá. A razão está falida. A ciência está nos levando à catástrofe. Não há nenhum porto seguro. O mundo se despedaçando aos nossos pés, aos nossos olhos. A massificação da modernidade se instaurou e só restaram homens em série, homogêneos e massificados. Todos tediosamente igual e feio, sem nenhuma Distinção e Relevância. Apanágio das massas: o consumo de estereótipos veiculados pela mídia

Uma opção possível: a "saída" para dentro. Algo da ordem de uma estética da existência. Fazer da vida uma obra de arte. Distinção contra vulgaridade, afirmação contra niilismo, beleza contra fealdade. Como canta Laurie Anderson, "éticos são estéticos do pouco, do muito pouco, do futuro". Resta a vida como matéria amorfa para ser burilada nos seus detalhes e escaninhos. Quando a barbárie se afirma vitoriosa só nos resta desertar do social dissolvente e pegajoso e construir nossa interioridade. Uma política de singularização.

Não há mais lugar para a salvação. A esperança no Messias se dissolve quando percebemos a sua inexistência através dos sinais de sua própria morte, simulacro da agonia, estranha ao caráter da origem cujo real é único efeito é a explosão de signos como resultado de um embaraçamento de códigos. Morte do Sentido pela profusão vertiginosa das imagens.

Cada cabeça é um hospício. Não posso abrir mão da minha loucura. Fugir da mesmice e mergulhar - sem esperança de

retorno - no desvario de cada um. Esta seria, por exemplo, a função de uma psicanálise que em lugar de nos enredar nos estreitos limites do familismo edipiano nos levasse ao fundo de nossa singularidade irreduzível. Por que somente desejar minha mãe? É estranho afirmar-me com um único desejo. Desejo tudo: Napoleão, minerais, gatos, pedras, flores, "Pontal", Aladdin Sane, transeuntes, Cristo, aquela cadela no cio, Cleópatra, xanas, paus e pedras. Nada me esgota plenamente. Meu desejo é mutante, à deriva, sempre buscando um engate possível pois tudo é desejável.

Liberar a sexualidade dos códigos redutores (por que canalizar o fluxo do desejo que jorra insubmisso?). "Em última instância, não haveria o masculino e o feminino mas uma disseminação de sexos individuais que só se refeririam a si mesmos, gerando-se cada um como uma empresa autônoma". Fim da serialização imposta pelas políticas de identidade e afirmação da unicidade como ponto de fuga

dos controles estabelecidos: "não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo". Fim da monomania substancialista que nos assola desde os gregos. Morte da identidade única que sempre nos tentam impingir. Trocar de papéis como se troca de camisa. Circular por aí. Dar cabo a ilusão de continuidade: criança - adulto - velho. Salvo a lembrança forjada sempre a posteriori, o que há mesmo comum entre eles? Ter um eu apenas é enfadonho. Bom mesmo é multiplicar-se Mergulhar na esquizofrenia plena. Plurificar-se num efeito de dispersão contínua. Como o poeta, "sinto-me múltiplo. Sou como inúmeros espelhos fantásticos que torcem por reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas". Se insistirem por me dizer quem sou, como bibliotecário demônio responderei: meu nome é legião.

*Gazeta de Sergipe, Aracaju, 11 mar. 1987. p. 3.*